

**EXPANDIDO****EXPERIÊNCIA DE PROTEÇÃO E PROMOÇÃO DAS COLEÇÕES DO MUSEU D. JOÃO VI DA ESCOLA DE BELAS ARTES DA UFRJ**

(Apresentação oral)

O objeto de nossa comunicação é o histórico das ações de proteção e promoção das coleções do Museu D. João VI da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trata-se portanto da salvaguarda do acervo desta escola bicentenária. Nos mais diversos momentos de sua trajetória, desde a criação do museu em 1979 até o recente incêndio ocorrido em outubro de 2016 que atingiu o andar acima daquele que abriga as coleções, seus objetos passaram por situações extremas nas quais necessitaram de cuidados especiais. Nosso objetivo geral ao fazer o relato dessas experiências é favorecer a consciência do papel que devemos desempenhar na proteção e promoção do acervo sob a guarda da Universidade. Essa consciência deve ser clara, em primeiro lugar, entre os membros da equipe que trabalha no museu, em segundo lugar na comunidade de professores, estudantes e técnicos da Escola de Belas Artes e de toda a Universidade Federal do Rio de Janeiro e, em sentido mais amplo, para o público geral. Afinal, “museus são espaços de transmissão cultural, diálogo intercultural, aprendizado, debate e treinamento, e possuem importante papel na educação (formal e, informal e aprendizagem ao longo da vida)”, conforme consta nas “Recomendações para a Proteção e Promoção do Patrimônio Museológico e Coleções” aprovadas pela Comissão de Cultura da Unesco em sua 38ª Conferência Geral em 2015. Assim, abordaremos os caminhos encontrados pelas equipes sucessivas do museu, nos mais variados momentos ao longo dos seus quase quarenta anos de existência, seu empenho e esforços em proteger a memória de uma instituição que conta parte importante da história do ensino artístico no Brasil.

O Museu Dom João VI foi criado em 1979, por iniciativa do Diretor da Escola de Belas Artes na época, o professor Almir Paredes. Antes de sua criação, o acervo já pertencia à Escola de Belas Artes, mas não se constituía como um museu e as obras se encontravam dispersas em salas de aula, salas da administração, ateliês e corredores. Quando todas obras foram reunidas numa conformação museológica, a compreensão acerca das coleções se modificou. Tornou-se clara a importância do acervo didático da Escola que teve seu início com a vinda dos artistas franceses (a chamada Missão Artística Francesa de 1816) e com a criação da Academia Imperial de Belas Artes. Como instituição de ensino, a Academia passou a Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) após a proclamação da República e, quando incorporada à UFRJ assumiu o nome atual de Escola de Belas Artes (EBA). A história da Escola coincide com a formação do acervo que foi abrigado no Museu Dom João VI a partir de 1979.

A história de nosso acervo, que se inicia antes da constituição do museu, é uma trajetória de superação de situações de crises. São antigos os problemas com o local de guarda e acondicionamento das obras. O primeiro prédio da instituição, então Academia Imperial das Belas Artes, data de 1826. Com o passar dos anos, o espaço se tornou demasiadamente pequeno. Os professores reivindicavam um novo prédio. Essa reivindicação só foi atendida no período republicano. A Escola Nacional de Belas Artes ocupou então um espaço no coração da capital, ao lado da Biblioteca Nacional e do Theatro Municipal. Seu prédio foi inaugurado em 1909. Mais tarde, em 1937, com a criação do Museu Nacional de Belas Artes, a ENBA teve que dividir seu espaço com o novo museu. A grande crise, no entanto, veio em 1975. Nas férias escolares ao final de 1974, a Escola foi transferida do centro da cidade para a Ilha do

Fundão. Havia a promessa de uma sede própria, porém “temporariamente” a EBA foi alocada no edifício da Faculdade de Arquitetura. Foi nesse momento, como consequência da transferência para o Fundão, que se sentiu a necessidade premente de um local para a guarda da memória da Escola, e o Museu D. João VI foi criado. No dia de sua inauguração, houve protestos dos alunos da Faculdade de Arquitetura que não estavam satisfeitos com a ocupação.

Esse local, no entanto, rapidamente apresentou suas precariedades: havia apenas uma única porta de entrada e saída, e eram pouquíssimas as entradas de ar. Uma infiltração no teto, de difícil reparação devido a um sistema de claraboias, causava umidade permanente, prejudicial ao acervo. Neste local o museu permaneceu por quase 30 anos e, por mais que a equipe procurasse amenizar a situação precária do espaço, a solução definitiva só ocorreu com a transferência do 2º para o 7º andar, o que ocorreu em 2008. O novo espaço tinha metragem reduzida em relação ao espaço anterior, o que levou à solução viável: foi criada uma reserva técnica visitável, onde o usuário tem a possibilidade de acesso a todo o acervo com exceção apenas do material mais frágil, em papel e tecido, conservado em mapotecas. A nova museografia e a localização do museu no mesmo andar das salas de aula onde os professores e estudantes circulam, favoreceu o incremento das pesquisas acadêmicas sobre o acervo. A partir de 2010 começaram a se realizar anualmente os Seminários do Museu D. João VI, organizados por professores da Escola e dos quais tem participado pesquisadores de todo o país que vem realizando trabalhos sobre peças de nossas coleções. Nas duas últimas edições contamos com a participação de pesquisadores estrangeiros e a ampliação do público. Um dos resultados dos Seminários, que em 2017 entra em sua oitava edição, tem sido a publicação dos anais com os artigos apresentados no evento.

Uma nova situação de emergência aconteceu recentemente. Em outubro de 2016, um incêndio atingiu o 8º andar do prédio, um andar acima da localização do museu. Por sorte o fogo não chegou ao 7º andar. O acervo não foi afetado, com pouquíssima fuligem alcançando os objetos. Equipes de conservadores foram solicitados no local, uma do Museu Nacional de Belas Artes e outra de professores provenientes do curso de Conservação e Restauração da UFRJ, que indicaram soluções a serem executadas após o último sinistro. Apresentaremos as ações que tem sido executadas nos últimos meses para ultrapassar essa situação.

Quanto à metodologia que empregamos na elaboração dessa comunicação, devemos mencionar que em parte recorremos a relatos já anteriormente publicados por professores pesquisadores da instituição que abraçaram a causa de guarda da memória e sua difusão assim como entrevistas com antigos museólogos e funcionários que participaram dos processos vividos. Também organizamos nossas próprias observações a partir da vivência da equipe atual, da atuação do Conselho Consultivo do museu e da colaboração com a Direção da EBA e com a Reitoria da UFRJ.

Por fim, apresentaremos as conclusões de nossa experiência. Seus resultados foram o despertar de toda a comunidade da Universidade, assim como dos habitantes da cidade do Rio de Janeiro, para a importância da preservação do acervo do Museu da Escola de Belas Artes. Além da estrutura física dos objetos, ficou evidente a importância da conservação das informações através da atualização do banco de dados e da digitalização das imagens das obras. Enquanto o acesso ao local do museu está restrito, tem sido incentivada a pesquisa realizada através da internet (site do museu), e a equipe tem utilizado as redes sociais para a divulgação do acervo e sua importância, visando a educação patrimonial do público.